

GEOGRAFIA HUMANÍSTICA: Reflexões sobre a categoria Lugar

Rahyan Carvalho Alves

Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, docente na Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil¹

rahyan.alves@unimontes.br

RESUMO: Objetivo deste trabalho é analisar a categoria geográfica Lugar, num crivo da geografia humanista, e realizar apontamentos sobre a importância desta como matéria in-visível capaz de fornecer subsídios ao homem para que esse possa construir e se sentir, enquanto sujeito ontocriativo, possuidor de uma unidade identitária. Para tanto, utilizou-se como metodologia revisão e retrabalhamento bibliográfico.

Palavras-chave: Lugar; Homem; Essência; Geografia Humanística.

HUMANISTIC GEOGRAPHY: Reflections on the category of place

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyse the geographical category of place, through the sieve of humanist geography, and to point out its importance as an invisible material capable of providing man with the tools to build and feel himself, as an ontocreative subject, the possessor of an identity unit. To this end, the methodology used was bibliographical review and reworking.

Keywords: Place; Man; Essence; Humanistic Geography.

GEOGRAFÍA HUMANÍSTICA: Reflexiones sobre la categoría de Lugar

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es analizar la categoría geográfica de Lugar, a través del tamiz de la geografía humanista, y señalar su importancia como material invisible capaz de proporcionar al hombre las herramientas para construirse y sentirse a sí mismo, como sujeto ontocriativo, poseedor de una unidad identitaria. Para ello, la metodología utilizada fue la revisión y reelaboración bibliográfica.

Palabras clave: Lugar; Hombre; Esencia; Geografía Humanística.

Introdução

Considerando que a Geografia, enquanto Ciência, ainda deve muito aos estudos sobre o Lugar, se observa que esta categoria remete ao fenômeno da experiência, que é apropriado ao ser explicado e realizado pesquisas por meio de uma abordagem fenomenológica, desenvolvida, aliás, por Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938) e Martin Heidegger (1889-1976), e a qual fundamenta, em certa medida, os trabalhos de Tuan (1980), Buttimer (1982, 1985), Merleau-Ponty (1971, 1999), Foucault (2009, 2001b), Relph (1979, 1993), Marandola Jr. (2020, 2012), entre outros autores que iremos citar ao decorrer deste trabalho. Tais abordagens qualitativas, enfocam o comportamento humano, o ambiente, valores, crenças, símbolos e atitudes, numa perspectiva que passou a ser chamada de geografia humanista e a qual reconhece a importância da investigação do espaço vivido e do Lugar.

De fato, se tem verificado o interesse pelas investigações que privilegiam o Lugar como categoria de análise fundamental da Geografia que se concretiza de forma mais notória com o advento dessa corrente humanista da Geografia, especialmente, após a década de 1970, ganhou notoriedade, em 1990 e se encontra em processo de fortalecimento (Ferreira, 2000).

Até cerca de 1990, os investimentos em estudos sobre o Lugar como tema acadêmico estavam, por vezes, vinculados à geografia humanista e a alguns ramos da psicologia ambiental e da arquitetura, apenas. Nesse sentido, uma crítica faz-se aberta à ciência lógica,

¹ Endereço para correspondência: Avenida Rui Braga, s/n, Vila Mauricéia, CEP: 39401-089, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil.

excessivamente, preocupada com o objetivismo e, por vezes, deixando, à margem, os aspectos sociais, políticos, culturais para se fundamentar em conceitos baseados, sobretudo, na matemática, estatística e com pouco processo dialogal. E, é nesse sentido que Holzer (1992, p.293) apontou que a “[...] tarefa da Geografia não é mais apenas inventariar o conteúdo das áreas, mas analisar o modo de ver o mundo das pessoas que ali se encontram”.

Logo, o modo de ver o mundo que é perceptível no Lugar. E, Lugar esse que aprendo a decodificar em cada caminhada e trilha feita em atividades de campo, em aulas, ou mesmo em uma visita sem nenhuma intenção acadêmica, pois a preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da Fenomenologia é, de certa forma, buscar conhecer o Lugar “[...] enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos: Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos Espaço” (Holzer, 1999, p. 70).

Nessa consonância, se entende que Lugar é o momento em que o mundo passa a nos cobrar no cotidiano e excessivamente, numa rotina de trabalho, em imersão em espaços menos humanizados e chegando mesmo a nos levar a movimentar no ambiente de maneira mecânica (seja na ida de casa para o serviço, do serviço ao supermercado, da praça a casa da matriarca), deixamos, por vezes, de perceber. Nesse processo, por vezes, ignoramos qual o significado de estarmos em um determinado Lugar, configurando, inconscientemente, a perda do sentido de ser-e-estar no mundo, conseqüentemente, deixando lacunas na formação da identidade e na capacidade criativa de invenção pelos sentidos cognitivos. Ressalta-se que o Lugar se forma “[...] através do somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas que devem ser diariamente motivadas” (Buttimer, 1985, p. 179), encaradas e vividas de maneiras diferentes.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é perceber o Lugar e investigá-lo, num crivo da geografia humanista, e realizar alguns apontamentos sobre a importância do Lugar como **substância/matéria in-visível** capaz de fornecer subsídios ao homem para que esse possa construir e se sentir, enquanto ontocriativo e possuidor de uma unidade identitária. Para tanto, utilizou-se como metodologia revisão e retrabalhamento bibliográfica.

E nesse sentido, este trabalho se preocupou em discutir o **Lugar como espaço de esperança**, evitando a massificação dos hábitos do mundo do dever e do trabalho que, por vezes, esfazem o nosso olhar negando a importância de percebermos, resguardarmos e sentirmos a **Geograficidade** existente no(s) Lugar(es).

O trabalho está estruturado em quatro momentos, a saber: primeiramente apresentamos uma discussão referente a categoria Lugar na perspectiva da geografia humanista, em seguida, a relação simbiótica entre o sentido do Lugar e a formação do homem; em diante realizamos uma discussão do Lugar e as construções sociopolíticas entre os estabelecidos e os outros. Por fim, naturalmente apresentamos as considerações finais.

Vale destacar que este trabalho é resultado de reflexões e pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais.

O Lugar na perspectiva da geografia humanista

Para muitos fica evidente que o sentido de Lugar consiste em ser visto como um fenômeno materializado (em seus diferentes sentidos e formas) e vivenciado a partir da experiência, porém, poucos estudiosos fizeram esforços e dedicaram tempo para a imersão nessa investigação. Relph (2012) apontou a Geografia como estudo de Lugares, efetuando discussões sobre o que isso poderia significar e qual o impacto que esses estudos desencadeariam, ao alertar que os estudiosos deveriam debruçar e dá a devida atenção a essa categoria.

A expressão Lugar remetia à descrição de diferentes regiões da Terra. Algumas breves discussões foram estabelecidas, sobre o sentido de Lugar por arquitetos, arqueólogos, filósofos, críticos literários, poetas e outros, mas não havia “[...] livros em inglês, francês ou alemão

dedicados a essa categoria de análise explicitando-a de forma clara e instigante. De início, por tanto, em suma, o conceito de ‘Lugar’ não era um tema que atraía a atenção dos pesquisadores” (Relph, 2012, p. 17).

Os autores Marandola Jr. (2012) e Relph (2012) divergem dos acima citados, porque para esses o Lugar hoje passa a ser interpretado a partir de diversos contextos e nuances, seja num viés comportamental, humanista, fenomenológico, estudado como uma categoria necessária à compreensão da neurociência, para a promoção e gestão de teorias locacionais, ou até mesmo para os trabalhos de filósofos e artistas que passaram a ter olhares diversos sobre ele em disciplinas acadêmicas, linhas de pesquisas, grupos de estudo e investigação, ou mesmo na busca da compreensão das diferenças ou inspirações para a elucidação de temas, por vezes, marginalizado, tais como, voltados para questões: raciais, sexuais, ambientais, arquitetônicas.

O Lugar é estudado, com ímpeto, por marxistas, feministas, pós-estruturalistas e por teóricos críticos, ou por economistas neoliberais, organizações governamentais e não governamentais para verificarem seu sentido (*placemaking*) para o sujeito, o Estado e o de vários agentes sociais nele interessados (Holzer, 1996).

Relph (2012) alerta, inclusive, que apesar de todas as diversidades de estudos sobre o Lugar, em qualquer corrente e área do conhecimento, investigá-lo é uma “[...] prática de resistência e um perigo para os não abertos ao novo, pois representa uma quebra de paradigma” (Relph, 2012, p. 21), por inserir o sujeito não mais como mero objeto, mas com toda a complexidade que sua relação com o mundo e com ele mesmo representa.

Vale ressaltar que a ideia, noção, sentido, conceito de Lugar é discutido de diferentes maneiras, enfoques e a partir de investigações e abordagens distintas, a exemplo: do topo aristotélico, passando pelos ambientes construídos da paisagem (Norberg-Schulz, 2006), pelos Lugares da memória da História (Nora, 1984), pelos sentidos de *filia*, *fobia* de Tuan (1980), *cídio*, em Porteus (1989) e topo-reabilitação de Amorim Filho (1999) empregados pela geografia e pelos não Lugares da Antropologia (Augé, 1994).

Pesquisas de vários autores abordaram o Lugar, como: Amorim Filho (1999), Augé (1994), Claval (2002), Marandola Jr. (2012) Relph (2012), Tuan (1980), e o aumento do interesse de muitos estudiosos por essa categoria de análise está ligada à capacidade do Homem realizar mediações tecidas por ele entre o mundo e o seu Lugar, ao se conseguir colocar como sujeito ativo que promove ligações complexas que lhe conferem identidade (ao mesmo tempo em que explicita suas relações com o ambiente). Além disso, há uma maneira de perceber o Lugar como meio privilegiado de ser operacionalizado, sendo entendido como sendo o próprio sujeito, ao ponto de se instituir e imprimir narrativas investigativas do e para o espaço (Foucault, 2009).

O Lugar é um substantivo advindo do antigo latim *lôgar*, sendo explicitado com os termos: *lôcus* e *local*, como adjetivo. Oliveira (2012) depara-se com dezoito vocábulos para designar Lugar e ao longo de seus estudos percebe que a definição de Lugar se mescla e, ao mesmo tempo, se confunde, com um espaço¹⁰ ocupado, sendo ele acoplado como processos que permitem sentir as ocasiões, tensões, motivos, causas e consequências de uma vida, que passa a ser **Lugarizada**.

E, nesse sentido, o Lugar pode até ser compreendido como imóvel, mas no sentido figurado, pois:

A concepção atual de Lugar é de tempo em espaço; ou seja, Lugar é tempo Lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o Lugar, o movimento, a matéria, a forma, a vida, a compreensão de gente e de mundo, de ser, de estar, de viver, de acontecer, de movimento com segurança (Oliveira, 2012, p. 05).

Desse modo, se observa que as experiências humanas com o Outro, o Ambiente, a Paisagem e com o próprio Eu vai lentamente transformando o homem em um ser que não é sozinho, mas envolvido por uma rede de sentimentos e histórias vividas que: “[...]”

transparecem na intersecção das experiências com aquelas dos outros, pela engrenagem de umas nas outras, capazes de conhecer a si e de construir o Lugar de convívio e emoções que devem ser explicadas (e primeiramente, sentidas)” (Ponty, 1999, p. 18).

A Geograficidade do Lugar está, então, em entender que o Lugar (de cada indivíduo) é produzido pelas relações humanas, como sendo produtos de empatia, similaridades e pelo reconhecimento da diferença, encontrando o Eu na relação entre o homem-natureza-espaco; conseguindo:

[...] expressar a materialidade geográfica, compartilhando em nossas vivências cotidianas com a Lugaridade que, por sua vez, expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com Lugares e caminhos que, como pausa, como convivência íntima, arrumam e delimitam os espaços e constroem as suas vidas (Holzer, 2013, p. 24).

Sendo um processo que é estabelecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido:

[...] o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que o homem se reconhece porque é Lugar da vida. O sujeito pertence ao Lugar como este a ele, pois a produção do Lugar liga-se indissociavelmente à produção de vida (Carlos, 1996, p. 29).

Desse modo, é relevante assinalar que o Lugar, sendo único para cada sujeito, independe de quaisquer significações a ele atribuídas por julgamento por terceiros, conseguindo revelar a consciência do mundo dos homens legada por suas próprias experiências. Em revisita a literatura, Merleau-Ponty (1999, p. 18) destacou que é **na relação intencional com o Lugar que o sujeito é inserido no processo histórico**: “[...] porque estamos no mundo-Lugar, estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história”.

Diante do dito acima, se entende que a intencionalidade é que torna possível o surgimento do sentido humano, ao moldar na relação estabelecida com o Lugar e com os outros, fomentando a experiência de vida, atrelada à intensidade das relações estabelecidas, em que os sentidos cognitivos se mostram mais concretos e é a partir dessa situação que o homem começa sentir-se capaz de decifrar e compreender melhor a si, e visualizar como significativo/denso a cultura da qual faz parte (Foucault, 2009).

Em seus trabalhos, Oliveira (2012), buscando no léxico o verbete sentido, depara-se como partícipio do verbo sentir. Vale frisar que sentido é empregado como adjetivação: sensível, triste, magoado, senso, juízo, propósito, objetivo, pensamento, aspecto, cuidado; atenção, direção, advertência, voz de comando. Logo, não é banal a compreensão de que para o homem entender o seu Lugar, de antemão, deve envolver a aquisição de conhecimento (a seu modo) da utilização dos sentidos, pois sua história, com o passar do tempo, se confunde com a sua própria história vivenciada através da cognição (Tuan, 1980).

História que se faz através de um mundo que passa, com o desenvolver das habilidades de conviver com o Outro, ser vivido. E, esse mundo vivido extrapola a relação dos contatos do homem com o Outro e a sua experiência íntima. Ele representa a noção de apreensão do Sujeito com a sua vida realizada, em diversas fases; funcionando como uma linha de tempo que narra a sua história, enquanto protagonista de uma sociedade, mesmo que tal história seja construída pela sua imaginação, mas se faz sentir presente no Espaço.

É sugestivo notar que a Geografia Humanista possibilita o estudo de **Lugares** no que se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas dos mundos; porém, a geografia como estudo de **Lugar** funde-se (e ao mesmo tempo transcende), observações

particulares, para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. E, é nesse sentido que se revela como importante uma análise das diversas compreensões que Relph (1993, 1997) faz em seus estudos direcionados ao Lugar, possibilitando-nos a compreensão do(s) seu(s) sentido(s) e a sua representação, dado que o referente autor busca inventariar as maneiras como os Lugares, na relação entre interioridade e exterioridade, se constituem. E, outros aspectos da relação do homem com o ambiente são tratados por ele no seu conceito de *placelessness* (desLugaridade). Relph (2008, 2010) torna complexa a discussão sobre o Lugar, pensando em medidas diferenciadas de relacionamento com ele (posições em relação ao homem, ambiente e sociedade) e na sua própria constituição.

Para tanto, apresentamos, a seguir, o Quadro 1, o qual destaca os mais importantes aspectos de Lugar utilizados pelo autor, seguidos da definição do termo por ele e a compreensão das aplicações dos seus estudos sobre esta categoria.

Quadro 1 – Qual o sentido do Lugar? Uma compreensão a partir dos estudos de Edward Relph

Termo	Aos Olhos do Autor	Compreensão
Lugar como reunião	Lugar pode-se tornar uma palavra usada comumente na linguagem cotidiana, mas se trata de um conceito evasivo quando não se tem similaridades dos sujeitos e suas histórias.	Qualquer aplicação do termo Lugar que não reúna histórias e densidades nas relações (eu comigo, com o Outro e com o mundo), não é passível de compreensão.
Fisionomia do Lugar	A palavra alemã “ <i>ortschaft</i> ” é traduzida literalmente por “fisionomia do Lugar” (<i>placescape</i>). O termo sugere a forma de um Lugar, tal como colinas, vales, construções, ruas etc.	Vale destacar que todo Lugar possui uma fisionomia própria, a qual é capaz de identificá-lo pela representação de suas formas, porém não é possível, primeiramente, compreender o seu significado social.
Espírito de Lugar (“ <i>genius loci</i> ”)	Deriva da crença que alguns Lugares foram ocupados por deuses ou espíritos cujas qualidades eram evidentes no cenário e cuja presença pode ser reconhecida por meio de cerimônias e construções.	O sentido da aplicação do espírito de Lugar está associado aos Lugares excepcionais, num contexto religioso ou místico; ou como conjunto de bens materiais e imateriais que constrói o Lugar e, ao mesmo tempo, o Lugar constrói e estrutura o espírito.
Raízes	A partir da experiência cotidiana, o Lugar é, muitas vezes, entendido onde se encontram nossas raízes, o que sugere uma profunda associação e pertencimento, mas também imobilidade.	Vincula-se à ideia de experiência, densidade, intensidade, tempo e relações do Homem com o ambiente, Homem com ser-no-mundo e com o Outro para se estabelecer uma relação de permanência representativa, sensorial e intencional com o Lugar.
Enraizamento	Os Lugares podem se reproduzir por tubérculos que são invisíveis, ainda que conectados a uma fonte original. A teoria rizomática parece sugerir que podemos ter raízes simultaneamente em vários locais diferentes, mantendo todos eles conectados.	Diante de alguma situação (proposital ou não), o Homem esquiva-se do seu Lugar, porém, os laços socioculturais estabelecidos superam a distância geográfica, permitindo a ele viver em Lugares diferentes, mas, permanecendo o sentido do Lugar.

Interioridade	Refere-se à familiaridade, conhecendo o Lugar de dentro para fora, diferentemente do <i>outsider</i> ou de um simples observador.	É a compreensão mais intensa das relações, do conteúdo social adquirido ao longo dos anos através do contato com o Outro e do amadurecimento adquirido com os sujeitos mais próximos. Na maioria das vezes é concebido na família, tendo o lar como o espectro da interioridade.
Lar	É onde as raízes são mais profundas, sólidas, intensas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos Outros, onde se pertence.	O lar constitui o sentido contra o qual os outros Lugares são julgados como qualquer.
Construção de Lugar	Devido à necessidade de projetarem ou protegerem Lugares, as pessoas percebem o Lugar como projeção de intervenção advinda do outro, muitas vezes, respeitando a fisionomia do Lugar e esquecendo as essências.	Os Lugares devem ser vivenciados por quem vive ali, pois só quem os vivenciam é genuinamente capaz de entender a forma e o significado do Lugar em seus múltiplos contornos (físicos e imateriais).
Fabricação de Lugar	No mundo pós-moderno existem pessoas e instituições que buscam camuflar a identidade do Lugar, buscando o lucro. Assim, o Lugar tem sido manipulado e, idealizada para atrair negócios.	No Lugar a identidade é explorada, muitas vezes como abertas à economia e interesses locais, produzindo uma fantasia e manipulando histórias, que não são autênticas.
Lugaridade	É representada com um processo que cria vínculos entre o Sujeito e o Lugar. Expressa a relação dialógica dos seres em movimento com Lugares e caminhos que, como convívio e intimidade, delimitam e formam o Lugar.	Processo que percebe a união entre objetos, atividades e significados processados e convergentes para os sujeitos. Neste sentido, a Lugaridade seria o plano de visão que detecta os elementos e significados que tornam o Lugar autêntico.
DesLugaridade	Criado para designar as formas estandarizadas, como os conjuntos habitacionais padronizados e algumas lanchonetes distribuídas no mundo (ex.: “ <i>McDonald`s</i> ”), assim como os locais com o padrão arquitetônico (ex.: “ <i>Disneylândia</i> ”).	Um espaço que se constitui através de construções repetitivas e artificiais, ao ponto de questionar se as pessoas, ao experienciarem o espaço, adquirem consciência a respeito de atitudes e emoções internas autênticas e ou inautênticas.
Lugares autênticos	São aqueles com forte Lugaridade, com teor histórico e densidade de relações, que preservam a essência do Lugar em termos de experiências e histórias.	São Lugares que, mesmo com algumas alterações em termos de intervenção urbana (por exemplo), preservam a essência dos contextos históricos (pessoais e coletivos).
Sentido de Lugar	Capacidade de apreciar Lugares e apreender suas qualidades. Muitas vezes o sujeito possui a característica “altruísta”, entendendo, com naturalidade, o limite que o Lugar lhe impõe.	Mesmo sendo formado e construído a partir da perspectiva do seu Lugar, o sujeito consegue realizar julgamentos positivos dos Outros.

Sentido contaminado de Lugar	Ação exclusivista de Lugar que a partir do enraizamento gera, em seu limite, a ideia de que os outros são sempre estranhos, simplesmente por serem diferentes.	Sentimento exacerbado de reconhecimento da história e do Lugar como únicos e supremos, ao ponto de não se conhecer o relativismo cultural, gerando preconceito.
------------------------------	--	---

Fonte: Relph, 1993, 1997, 2008, 2010, 2012. Organização: Próprio autor, 2020.

Para Relph (1993, 1997, 2008, 2010, 2012), o sentido de Lugar é amplo, e nesse contexto, os usos de Lugares construídos de maneira constante, e os desdobramentos das ações humanas estabelecidas afetam, diretamente, a esfera social, tornando o Lugar que vivemos como únicos e possibilitando que aprendamos a conviver nos Lugares com laços de sociabilidade. E, vale sempre refletir que se conhecemos e construímos o(s) Lugar(es), porque nesse momento deixamos nossa afeição profunda e genealógica. O(s) Lugar(es) é colocado para nós como centros a partir dos quais olhamos, metaforicamente, pelo menos, através dos espaços e para as paisagens, do nosso íntimo. Por essa razão, ao compreender o sentido de Lugar, para cada sujeito, se faz tão importante.

Por outro lado, existe a desLugaridade que remete ao(s) Lugar(es) que não possuem identidade, ou identificação das pessoas, das suas histórias e dos grupos que formam uma comunidade. A identidade assume, assim, um alcance geográfico, especialmente, lento e vazio, servindo de medida conceitual do sentido de Lugar, conforme expôs Le Bossé (2004).

Ressalte-se que o Lugar só é Lugar quando “[...] participa inteiramente da vida dos indivíduos e dos grupos, e influencia, ‘até mesmo’” constrói, tanto subjetivamente como objetivamente, identidades culturais e sociais, mas tal processo se faz com calma, demanda tempo e dedicação” (Le Bossé, 2004, p. 166). Esta vinculação ocorre nos planos fenomenológico e ontológico, a partir da experiência vivida através da historicidade e da geograficidade. O Lugar, então, para formatar-se como tal, passa pelo foco de identidade: primeira, remete a individual e, a seguir, coletiva.

O Lugar tem sentido real para quem o experimenta na vivência, o que se torna mais claro a partir do conceito filosófico da autenticidade (Benjamim, 1985), e é por isso que Relph (2012) diferencia Lugar e desLugares, pois para construir a desLugaridade há uma descontinuidade em relação à historicidade e a geograficidade da comunidade, assim, rompe com a relação orgânica de produção e reprodução do Lugar, ao se constituir para o autor como atitude inautêntica.

Por esse viés, é inegável que existe algo na disposição espacial que torna real o sentido de ser sujeito e talvez seja o próprio Lugar. Lugar esse que define a nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres, “[...] o valor do nosso trabalho, nossa ligação com a natureza. Esse relacionamento do homem ao Lugar cria vínculos que criam e podem até abalar a nossa existência, mas que persistem em nós como uma carência” (Bosi, 1994, p. 451).

Assim, quando voltamos a nossa atenção para o Lugar, no qual se situam os eventos, as histórias (memórias) e as singularidades, buscamos o sentido de estar na terra, e sem essa compreensão, de acordo com Santos (2006, p. 12), “[...] morreríamos aos poucos, pois como pode o homem sentir-se no espaço através de ações, emoções e construções vazias?” (Santos, 2006, 12).

Aliás, Melo (2012) destacou que essa perspectiva é pertinente, na medida em que:

O espaço, então, deve ser entendido na dialética do concreto-abstrato, em que o concreto é o Lugar do cotidiano, da vida ativa, e o abstrato é posto pela essência-existência daqueles e daquilo que o compõe. Tanto um (o Lugar) quanto o outro (seus componentes) constituem a totalidade que reúne o singular e o universal, perpassando pelo particular, o que torna um desafio a

sua compreensão e toda a dinâmica que nele permeia (Melo, 2012, p. 137).

Mediante ao exposto acima, em síntese, o estudo conceitual da categoria Lugar revela que a sua raiz de compreensão é associada à própria emergência da consciência do Espaço e a geografia humana está, evidentemente, preocupada, mobilizada para a interpretação e organização do espaço. E, por meio dela que:

Os geógrafos da ala humanista não negam tal perspectiva e retrabalham o conceito de Lugar a partir do sentimento e do entendimento, apontando a sua multidimensão e as diversas vias para sua compreensão, dado que o trabalhar com o Lugar é uma tarefa árdua, sensível, que requer atenção e olhar atento para a percepção dos homes e das mulheres (Mello, 2012, p. 65).

Ademais, percebemos que o Lugar é, primeiramente, processo, constituindo uma das bases para a formação da essência do Ser, a qual é indispensável para a construção da identidade, dos modos de vida e das referências sociopolíticas pelas quais o homem opta (Claval, 2002).

Diante do exposto, segue, no próximo subtópico, uma discussão que busca apresentar a relação simbiótica entre o sentido do Lugar e a formação do Homem, advinda da experiência de Ser-e-Estar no Mundo.

A relação simbiótica entre o sentido do Lugar e a formação do homem

Perceber o Lugar é, em primeira instância, buscar relacionar o homem e o sentido que esse dá ao ambiente, pois o Espaço transmuta em significado pela qualidade que o homem lhe dá devido à maturação de seus atos e formas de perceber a si, e o mundo ao seu redor. E, quando esse processo amadurece, o atributo do espaço passa a ser de Lugar de vivência, sendo mesmo difícil de perceber/decodificar o homem sem relacioná-lo ao Lugar, enraizado como uma unidade, marca e registro social (Wadsworth, 1997).

Esta unidade que o homem é capaz de realizar entre a formação de sua identidade e registro de uma vida, através da formação social construída pelo e junto ao Lugar, lhe remete a um processo de simbiose¹³, termo proveniente dos étimos *gregos sym* (junto de) e *bios* (vida), originariamente empregado pelas ciências biológicas para indicar uma relação funcional estreita/próxima, harmônica e produtiva entre dois organismos, os quais interagem de modo ativo visando proveito mútuo (Zimerman, 2001).

A fase simbiótica é entendida como uma condição intrapsíquica, uma característica da vida cognitivo-afetiva desenvolvida por etapas, em que a diferenciação entre o Eu e o Mundo vai se processando quando o eu-homem consegue experimentar os sentidos da vida. Tal condição processa-se, em etapas, como unidades em relação a um todo, onde o sujeito, não consegue reconhecer o seu Lugar. Nesses termos, a relação simbiótica é construída quando o sujeito consegue adquirir feição pelo ambiente e pelo Outro (Zimerman, 2001).

Para relacionar a compreensão do homem ao Lugar como processo simbiótico, destacamos o estudo de Piaget (1996) que descreveu quatro períodos de desenvolvimento do sujeito que incidem na experiência do homem com o ambiente e seus objetos, sendo:

1º) a inteligência sensorio-motor, que vai do nascimento até os 02 anos de idade, aproximadamente, 2º) o pensamento pré-operatório, que tem seu primado até por volta dos 06-07 anos, 3º) o pensamento operatório-concreto, até por volta dos 12 anos;

e 4º) o pensamento operatório-formal, que caracteriza as formas de raciocínio do adolescente até a vida adulta (Piaget, 1996, p. 71).

Desse modo, o sujeito na etapa da **inteligência sensório-motor** - essa que é vivenciada na idade de 0 a 2 anos (criança) - nasce em um ambiente sem segurança de espaço e equilíbrio, ocupado por objetos que não sabe identificar (fora de sua percepção), ao ter como conquista imediata os movimentos da sucção e dos olhos, mas com o passar do tempo ele vai aperfeiçoando os seus sentidos chegando há conceber o tempo, espaços, pessoas e objetos. Na verdade, “Na primeira infância, conforme Piaget [sic] destaca, as condutas continuam a se modificar, tanto no plano afetivo quanto no cognitivo [...]” (Brenelli, 2000, p. 113). Assim, há um paralelo com a experiência do ser com o Lugar e é nesse que: “[...] com o passar do tempo que o homem aperfeiçoa e vai conhecendo o seu corpo, seus sentimentos e assimilando fatos” (Tuan, 2011, p. 14).

Em relação ao tempo, mais especificamente relacionado à maturidade psicossocial, o segundo período, se denomina **pré-operatório** (02-07 anos), o qual marca a passagem da inteligência sensório-motor para a do pensamento pré-operatório, aparecendo, então, a função simbólica, primada pela linguagem que acarreta modificações nos aspectos cognitivos e afetivos da criança, uma vez que, está consegue aprimorar a sua capacidade de representação, mesmo apresentando um perfil social individualista/egocêntrico (Piaget, 1975, 1996).

No terceiro período, temos o pensamento **operatório concreto** (07-12 anos), no qual a criança começa a apresentar suas opiniões e coordenar as ações a partir de uma lógica que vai sendo sistematizada, formulando-as com operações mentais e não somente com a sensório-motor. Na última etapa, a saber, do **pensamento operatório-formal** (12 anos em diante), o adolescente amplia as suas aquisições/conquistas, consegue propor, formar hipóteses, esquemas conceituais abstratos, criticar e fazer elogios a condutas e valores, começando a conquistar autonomia, agregando códigos sociais, percebendo a sociedade em novas perceptivas (Piaget, 1975, 1996).

Dessa forma, percebemos que: “[...] o desenvolvimento humano é caracterizado por Piaget como um processo construtivo, resultante das contínuas interações do sujeito com o mundo. E esta construção procede das ações sensório-motoras, sem romper com a continuidade do biológico ao psicológico” (Brenelli, 2000, p.105).

O amadurecimento da relação cognitiva do Homem com o Lugar se deve, também, ao processo de assimilação, o qual Piaget (1996) identifica quando o homem dá um novo sentido motor ou conceitual as estruturas cognitivas. Seguindo esse princípio, torna-se uma tentativa de o indivíduo solucionar uma situação a partir da estrutura que possui em um dos momentos específicos da sua idade (as citadas anteriormente), tendo que se adaptar a uma realidade, numa busca pela integração experimental de esquemas que o sujeito já possui em seu organismo (biológico), mas que está em constante atividade. Posteriormente, ao passar o tempo, o homem adquire capacidade de assimilar a formação cognitiva e as experimentações dele com o espaço, ao se tornar um ser construtor de novas integrações sociais, tornando-se, ontocriativo (Piaget, 1975).

Este processo de (des)construir, perceber e aprender se dá pela acomodação que Piaget (1996) descreveu como “[...] toda modificação dos esquemas de assimilação sob a influência de situações exteriores (meio) ao quais se aplicam” (Piaget, 1996, p. 18), a qual ocorre quando o sujeito modifica os esquemas de assimilação devido ao estímulo provocado pela aprendizagem, sendo esse o contato do homem com a dinâmica política do espaço.

Com a experiência do homem com o mundo através de seus sentidos, ele sempre deixa uma lacuna a ser preenchida (como um espaço aberto do aprender e ser aprendiz), e, assim, o organismo cognitivo sabe exatamente que elemento buscar no Lugar a ser construído para suprir suas demandas e como iniciar um novo processo de assimilação, acomodação. Logo, ao obter essa descoberta, o sujeito adquire equilíbrio, porque é capaz de perceber, conhecer, analisar e modificar o seu espaço em processos e movimentos que são cíclicos (Sisto, 2000).

Assim, essa formação de sentimento do homem com o Lugar baseada na concretude e no amadurecimento dos sentidos humanos, concernente às pesquisas de Piaget (1996), também se vincula aos estudos de Tuan (2011), a partir da compreensão do Lugar construído pelo homem por meio de um processo intenso que demanda envolvimento social, conflito emocional e conquistas sensoriais. E, em certa medida, remete, à teoria do proponente da cultural-histórica, Vygotsky (2013) que, sendo um sociointeracionista, postula uma dialética da interação do homem com o Outro, como meio para desencadear o desenvolvimento sociocognitivo, defendendo que o próprio processo de desenvolvimento humano gera e promove o incremento das estruturas mentais.

Teoria de desenvolvimento cognitivo e Teoria da Aprendizagem

As emoções vividas pelo sujeito são compreendidas, então, através dos mecanismos cognitivos que têm relevância para a própria natureza do comportamento social e as interações humanas em que tais mecanismos resgatam as emoções vividas pelo desenvolvimento de uma socialização e aprendizagem, assimilando fatos, elementos que propiciam acomodações, sendo constante a busca da experientiação. Seguindo esse raciocínio, o sentimento subjetivo estaria presente e seria fundamental para o aprimoramento e desenvolvimento humano, dado que encarna tudo o que é substancial no corpo, assim como esse recebe tudo que é social e histórico, uma vez que, “[...] Piaget, se coloca à defesa de que o presente afetivo e subjetivo é determinado, como já dizia Freud, pelo passado do sujeito, contudo o passado continua a ser incessantemente reestruturado no presente” (Piaget, 1996, p. 81).

As ideias de Tuan (1980) convergem com as de Piaget (1996) no entendimento direto de que existiriam uma relação de duração dos eventos sociais que o Homem promove com o Lugar, simultaneamente, com o aumento da intensidade e densidade destes eventos aliados ao aprimoramento dos sentidos cognitivos; resultando nas diferentes maneiras com que o homem percebe e sente os objetos, pessoas e espaços. É relevante assinalar que todos os processos mentais superiores do homem, como: a percepção inicia-se através da linguagem no meio cultural em que o sujeito vive, dando-lhe formato e identidade. Sua aprendizagem acontece entre o conhecimento real - aquele que ele já se apropriou - e o conhecimento potencial - aquele que ele vai adquirir com a sua experiência e com a ajuda do Outro, à medida que se configura a sociedade como um ambiente fundamental para a sua relação de crescimento, Zona de Desenvolvimento Proximal (Vygotsky, 2013).

E, nessa compreensão, à sensação de falta ou privação de espaço é causada pela restrição de outras pessoas, que Tuan (1983) denomina como **apinhamento**, o que resulta o sujeito viver uma experiência de vida de outra pessoa por meio de um simulacro social. De outro modo, a sensação de estar livre no espaço, de poder se movimentar nele, segundo o autor acima citado, ao designar a **espaciosidade**. Neste sentido, o espaço vivido e Lugar são sinônimos, pois ambos agregam personalidade e se tornam familiares, pois está associado à capacidade básica de se locomover, ter espaço para empreender um movimento partindo da própria escala do corpo e ir construindo uma identidade a partir da maturidade, o ato de desenvolvimento do homem em contato com os espaços e os Lugares que são a ele conferido ou conquistado (Piaget, 1996).

Lugar que é construído a partir do espectro de experiências adquiridas no processo e entendimento de ser sujeito homem. Lugar que, aos poucos, é:

Construído a partir das experiências do eu com outras pessoas, relatadas de forma a construir um referencial de espaço social, como forma de não sentirmos sós no mundo, seja através do reconhecer pela diferença, seja por conhecermos através das feições daquilo que é nosso, o Lugar. Lugar é tido como referência

quando vamos crescendo, aprendendo o que é ser humano (Mello, 1990, p. 21).

Partindo do pressuposto da vivência do homem como espaço existencial, temos os **gradientes do habitar**, que são compreendidos como elementos que se mostram necessários para o posicionamento do homem em seu processo de reconhecer o espaço, através das características dos materiais, das paisagens, das estruturas e geometrias dos objetos e das formas, volumes, medidas e proporções dos elementos que compõe a realidade à sua volta (Piaget, 1996; Tuan, 1980, 1982).

Os elementos descritos **para o habitar** deixam em evidência que por meio dos sentidos cognitivos, o homem passa a apropriar-se do conhecimento do espaço em sua morfologia, iniciando o processo de uso primário do estar-no-mundo (Gaspar, 2001; Piaget, 1975; Tuan, 1983). Logo, o **habitar** é um retrato do viver, e:

Viver não é nada simples: se os Lugares são atributos de relações externas e de variáveis em relação internas, nem sempre fáceis de serem identificadas, o corpo pode aparecer como o segredo dos órgãos e de sua rica articulação para a sua compreensão. Andar no Lugar é trafegar a própria origem, a memória, as alegrias esquecidas ou as dores. Não se respirar senão o ar que o Lugar apresenta, donde pode ser concebido, logo o pulmão é obra e relação geográfica; e do Lugar para o corpo e do corpo para o Lugar, o que se pode perceber é a projeção dos órgãos como força que instaura a vida do Lugar pois, lidar com a sede, enfrentar a fome, desviar das dores, perceber os cheiros e ser ferramenta da sensibilidade, apropriar-se de si mesmo, não podem ocorrer sem o conteúdo do Lugar e de suas tramas vividas e amadurecidas a cada dia (Chaveiro, 2012, pp. 275-276).

Os marcos **constituintes do Lugar** são estruturados, a fim de propiciar o constante equilíbrio necessário à inteligibilidade do espaço, pois em função do processo de maturação, vivência, equilíbrio com os elementos expostos no ambiente, acompanhado da capacidade de aprimorar os sentidos, o homem formata o seu comportamento cultural, reconhecendo a escala de significado e significância dada ao Outro e o Lugar, além de identificar elementos que o tornam único e outros que o possibilitam reconhecer-se no meio (Piaget, 1975; Tuan, 2005). E, é com o passar dos dias, dos anos, das águas, que a “[...] ideia de Lugar torna-se mais especificamente geográfica” (Tuan, 1983, p. 34). Mas, quanto tempo seria suficiente para a constituição do Lugar? Neste sentido:

Podemos dizer, geralmente, que quanto mais tempo permanecermos em uma localidade melhor a conheceremos e mais profundamente e significativa se tornará para nós, ainda que essa seja apenas uma verdade grosseira. Conhecer subconscientemente com os sentidos passivos do corpo - particularmente o olfato e o tato - exige longo tempo de permanência. Conhecer com a visão e a mente exigem muito menos tempo [...] (Tuan, 2011, p. 17).

Nessa conformidade de processo o homem constrói histórias capazes de serem registros da memória, provenientes da percepção e passíveis de projetar os sentimentos de pertencimento e do querer simbólicos; o que o tornar capaz de construir e decodificar símbolos de referências culturais. Processos que são reais pelo uso e apropriação dos elementos que compõem o meio físico e social, e que passam a apresentar o Lugar como criadores de poder simbólico e emocional pois, “[...] não existem marcas e signos de maneira aleatória, mas

somente em virtude do significado que um ser humano ou grupos lhes atribuem pela vivência” (Mello, 2012, p. 39).

Segundo Merleau-Ponty (1971), o espaço em que vivemos e o meio em que as coisas estão posicionadas para nos conectar a todo momento. Sendo assim, a vida humana dá características sociais ao espaço que tende a ser vivido. Concomitantemente, a nossa percepção de mundo está em contínua ação pelo movimento do nosso corpo, oferecendo experiências e dando campo de criação à vida (extrapolando o sentido de estímulo-resposta/determinismo).

Vale ressaltar que através dessa acepção de relação entre o homem e o Lugar podemos afirmar que: **Não há Lugar como o lar**. Mas, para muitos a pergunta sobre o que seria lar é colocada em questão. Pois, para Tuan, lar é a velha casa, o bairro, a cidade, o quintal, a praça, a rua, uma cadeira e até mesmo a pátria. É esse processo que descrevemos ao ponto de entendermos que o Lar é a parte da unidade do reconhecimento do homem (Tuan, 1980). E, entendendo que o Lugar não é meramente aquilo que passamos a conhecer e ser aquilo a ele conhecido; ele não vincular-se-ia apenas à distinção e apreciação de fragmentos de geografia que nascem através do reconhecimento do seu mundo. Lugar é:

Um núcleo do significado que se estende, penso eu, em suas ligações inextricáveis com o ser, com a nossa própria existência. Lugar é um microcosmo. É onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco. O que acontece aqui, neste Lugar, é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado. Isso é existencial e ontológico [...] (Relph, 2012, p. 31).

Desse modo, o Lugar é uma pausa no movimento que permite reconhecer e perceber os valores pronunciados nas formas ergológicas e animológicas das ações construídas pelo homem, sendo uma identificação do jogo do sentir e conhecer. Assim, entender a relação do sujeito com o Lugar é indispensável pela sua natureza de interventor e criador (Buttimer, 1985). Pois, é “[...] preciso viver, entender e ter familiaridade com o outro e com a dada porção do espaço para torná-lo Lugar” (Oliveira, 2012, p. 11).

Por esse viés, o Lugar torna-se espaço de apego diante da representação das referências que são experienciadas pelas pessoas no cotidiano; nele a vida ganha sentido. E, somente quando o espaço se apresenta inteiramente familiar é que compreendermos o que é Lugar. Aliás, vale destacar que “[...] até o espaço se torna Lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, Lugar é mais concreto que espaço” (Tuan, 1983, p. 19).

Conceber um Lugar, como sendo o seu Lugar é sentir-se parte integrante de um ambiente que se vivenciou, de diversas formas e maneiras, onde se aprendeu com todos os sentidos, com as relações humanas e suas amplitudes, com a densidade de um ato ou de um olhar; e com essas experiências alcançamos os ensinamentos que a vida apresenta como resultados de um mundo vivido, capaz de ser marcante ao ponto de emergir em histórias, fotos, paisagens, amizades, conquistas, angústias, alegrias, conflitos, emoções e realizações (Brenelli, 2000; Piaget, 1975; Tuan, 2005, 2011).

O Lugar promove uma sensação emotivo-espacial, tornando-se “[...] um arquivo de lembranças afetivas de realizações esplêndidas que inspiram o presente; o Lugar é permanente e por isso tranquiliza o homem, que vê fraqueza em si mesmo, chance e movimento em toda parte” (Tuan, 1983, p. 171). Ele significa, para além de um recorte espacial, um ambiente que remete a um “[...] tipo de experiência de envolvimento do homem com o todo que está em sua volta” (Relph, 1979, p. 19). O Lugar, como forma e estrutura nunca amorfa, se torna um celeiro que nos propicia liberdade e um elenco de possibilidade, que ao ser reconhecido, torna-se defensável e importante para quem é genuinamente dele (Oliveira, 2012).

É, nesse sentido, que o subtópico, a seguir, apresenta uma breve discussão sobre a diferença da compreensão do Lugar e seus desdobramentos para os sujeitos estabelecidos e os Outros.

Lugar e construções sociopolíticas: os estabelecidos e os outros

As dimensões significativas para a compreensão do Lugar são pensadas em termos geográficos por meio das experiências homem *versus* natureza, dos sentidos para o habitar, dos gradientes a disposição para o homem espacializar e se reconhecer até o contato por meio da promoção dos elementos que utilizam para construir o seu mundo (Relph, 1979).

Os Lugares, segundo Tuan (2011), se faz visíveis por meio de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com outros Lugares, das manifestações artísticas e arquitetura¹⁷, o processo de reconhecimento dos naturais do Lugar, estranhamento com os de fora. E, todo Lugar adquire identidade mediante ao uso e ocupação de diversas dimensões espaciais determinadas pela relevância assumida pela cognição que propicia que os sentimentos se adaptem ao psiquismo do sujeito e ao seu mundo exterior (Piaget, 1996).

A experiência de Lugar abrange ainda diferentes escalas. Para Santos (2006, p.212), “[...] os Lugares são vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo e cada uma os representa de uma maneira”. Nas palavras de Buttimer (1985, p.178), “[...] cada pessoa está rodeada por camadas concêntricas de espaço vivido, da sala para o lar, para a vizinhança, cidade, região e para a nação”. Desse modo, cada um se permite, ou, pelo menos, tenta sentir o Lugar. Já mencionamos que o processo de formação do Lugar é construído com paciência, dedicação, imersão e se processa através da ação de se conhecer pelos sentidos. Por isso, “[...] a criança, desde pequena, encontra o seu Lugar íntimo e primeiro em seus pais, depois na sua casa, e em sua cidade” (Oliveira, 2012, p. 12), pois esses estão repletos de objetos habituais e lembranças afetivas que permitem a criança recriá-lo, caracterizá-lo como o seu Lugar.

Mediante ao exposto acima, o sentido do Lugar nasce, expressivamente, pela experiência, pelo contato, pelo convívio. Sendo assim, o homem sente o Lugar como Lugar não imanente, sem sentidos afetivos e memórias fixas, sendo Lugares abertos à movimentações de preenchimentos, e ao mesmo tempo, esvaziamentos, de concentrações e dispersões, de continuidades e descontinuidades (Augé, 2007).

É sugestivo notar ainda que o Lugar sendo atributo no que tange a qualidade espacial torna-se palco para promoção de diferentes temporalidades, embora diante da diversidade de ações e intenção da realização do homem no mundo, ele é percebido e espaçado em sua (i)materialidade em díspares perspectivas, pois reconhecemos que os sentidos para a formação do Lugar permanecem, relativamente, estáveis. Mas, simultaneamente, converge e nele sobrepõe de desiguais alocações e territorialidades, ao se acoplar, ao fazer com que em uma mesma localidade há múltiplas espacialidades e tempos coexistentes, ao passo que, existem inúmeras interpretações e projetos que são construídos naquele ambiente. E, tendo isto em mente que: “[...] os sonhos de Lugar para uns podem ser os pesadelos de outros” (Chaves; Aquino, 2016, p. 812).

Com isso em mente, a forma como cada sujeito percebe o Lugar vai tornar, ou não, o espaço dialógico e reconciliável. E, é pertinente observar que a necessidade de acionarmos o Lugar associado à experiência e ao mundo vivido é imperativo pois, a partir dessa linha de pensamento é possível projetarmos um horizonte que nos permitem compreender e refletir sobre a relação existente, ou não, entre as variáveis internas e as externas derivadas do homem ao fazer, ele, o seu Lugar, ou na tentativa de fazê-lo (Buttimer, 1972).

Este horizonte de discussão permite pensar a experiência e formas que se vinculam o Lugar/Lugares às diferentes ordens de grandeza, ao se estender desde a mais imediata relação do homem ao Lugar, iniciada a partir da casa, passando pela comunidade, bairro, cidade, região, país, cultura, etnia até o planeta terra como um todo, mas, nem todos vivenciam os mesmos horizontes de abrangência. Alguns têm perspectivas mais limitadas e não adquiriram

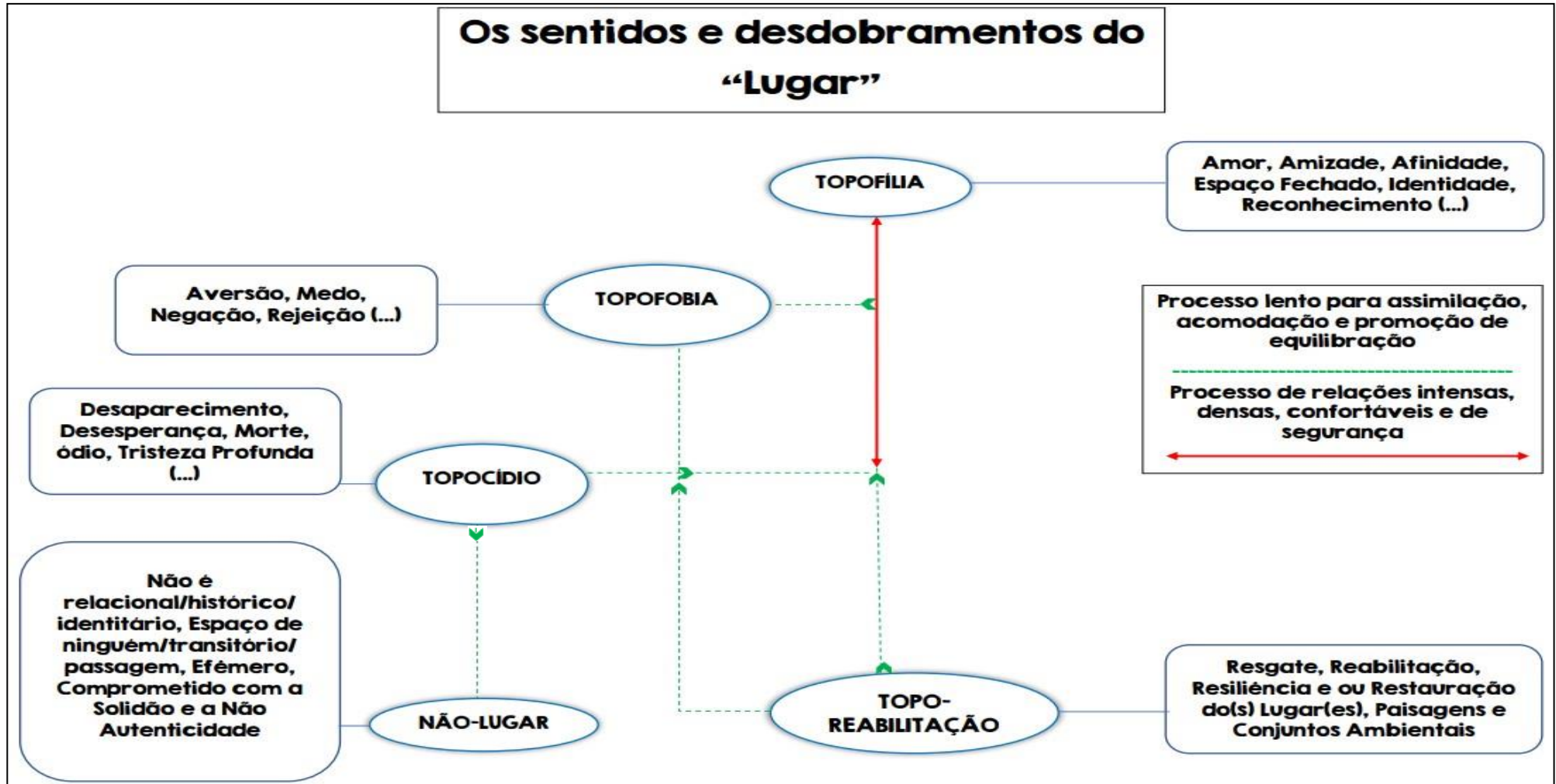
condições amplas para se sentir no mundo. Levar em conta essa abrangência e alcance é fundamental para compreendermos a experiência, e o compromisso das pessoas com o(s) Lugar(es) (Marandola Jr., 2012, 2020; Oliveira, 2012).

Então, os indivíduos são capazes de desenvolver as referências de vário(s) Lugar(es), à medida que adquirem espessura social em determinada porção do espaço, mas, existem sujeitos que as contraem com a vivência de experiências em localidades espaciais diferentes, mas derivadas das viagens ou atividades desenvolvidas de forma banal, corriqueira (Santos, 2006).

Para compreendermos as formas com as quais o homem formata o sentido de Lugar e seus desdobramentos, através dos processos de uso, buscamos aportes nos autores, a saber: Augé (1994, 2007, 2010), Amorim Filho (1999, 2007), Porteus (1989) e Tuan (1980, 1982, 1983, 2005, 2011) bases e definições conceituais capazes de promover uma adequada compreensão das nuances que esse espaço, no primeiro momento, fechado e íntimo apresentado aos homens; e como cada sujeito, *outsider*, *insider*, atua, percebe e sente o Lugar; ao ponto de compreendê-la como processo orgânico ou não.

Para tanto, organizamos um esquema explicativo das principais formas pelas quais os autores supracitados compreendem o Lugar e suas mutações (ambientais e físicas). A Figura 1, intitulada: “Os sentidos e desdobramentos do Lugar” por Augé (1994, 2007, 2010); Amorim Filho (1999, 2007); Porteus (1989); Tuan (1980, 1982, 1983, 2005, 2011) foi construído como base de nosso estudo, sendo importante para tornar mais claras quais seriam as possíveis interpretações, e formas que o Lugar assume para o homem, tanto para o forasteiro como para o enraizado.

Figura 1: Os sentidos e desdobramentos do Lugar por Augé (1994), Amorim Filho (1999), Porteus (1989) e Tuan (1980)



Fonte: Augé, 1994, 2007, 2010; Amorim Filho, 1999, 2007; Porteus, 1989; Tuan, 1980, 1982, 1983, 2005, 2011. Organização: Próprio autor, 2020.

Para entendermos a Figura 1, vale destacar, que se o Lugar se faz através do sujeito, temos que diferenciá-los em categorias, tais como: *i*) naturais/genuínos, possuidores de raiz/os estabelecidos e *ii*) os forasteiros/os de fora/os turistas. O primeiro grupo, reconhecido como os *insiders* correspondem aos cidadãos naturais do Lugar. Seriam os seres que carregam uma similaridade de sentimentos por serem de um *lócus* comum, de um mesmo ambiente e da cadeia identitária que reúne uma unidade cultural existente, ou derivado do habitar-se há um período de tempo considerável no território que propiciou uma relação de entendimento, compreensão, aceitação pelos estabelecidos e conseguiram se ver dentro do processo, com os seus ritmos evidenciados, na figura, pelas setas verde e vermelha (Elias; Scotson, 2000).

O segundo grupo é conhecido como os *outsiders*, porque são os sujeitos que não participam da dinâmica natural de um Lugar, logo, seriam os espectadores, que não são aceitos pelos já estabelecidos, ou não são capazes, ou não acham relevante fazerem parte da história íntima do espaço, o qual lhe parece fechado, percebido como de posse de outras pessoas. Para o “[...] ‘outsider’ o peso da realidade é outra, menos clara e mais fugidia. Os forasteiros conhecem apenas a paisagem e o Lugar a partir de um olhar de fora, e ainda turvo” (Tuan, 1983, pp. 20- 21). Um *outsider* é considerado, então:

Aquele ou aqueles indivíduos que estão excluídos do grupo considerado estabelecido, que são considerados inferiores, e ainda são tidos como não observantes das normas e regras impostas pelos estabelecidos. Quanto ao grupo estabelecido, estes atribuem aos seus membros características superiores a fim de manter sua superioridade social e excluem todos os membros do outro grupo do contato. A exclusão e estigmatização dos *outsiders* pelo grupo estabelecido são armas poderosas para que este último preserve afirme sua superioridade (Elias; Scotson, 2000, p. 98).

Por este prisma, é relevante destacar que em: “[...] uma sociedade estável, as pessoas de fora constituem uma minoria da população, suas visões do e sobre o meio não têm, talvez, muita importância, mas deve nos deixar em alerta” (Tuan, 1980, p. 72), pois, por vezes, promovem ações invasivas que alteram a rotina do Lugar, além de visualizarem as formas de vida da população como vitrines, deixando, constantemente, os moradores arredios ou incomodados em seu *lócus*.

Esta diferenciação entre *insiders* e *outsiders* é relevante, nesse momento do trabalho para compreendermos que existem formas de sentir o(s) Lugar(es) e se apropriar deles, pois, para compreender um *insider*. Em primeira instância devemos entender este ator como um ser que vivencia o Lugar como parte inseparável da vida e compreendido através do processo de reconhecimento pelos vizinhos, donos de mercearias, pelo costume de passar nas praças e perceber os bancos, coretos e jardins como testemunhas de encontros e desencontros que foram capazes de desenhar em sua vida amizades, amores. Esse momento de afinidades que foram formadas pela segurança do tempo de convívio, de falar, de reconhecer no Outro a capacidade de guardar segredos e compartilhar histórias. Tuan (2005, 2011). Logo, podemos diferenciar os *insiders* dos *outsiders* da seguinte maneira:

Os primeiros guardam ciosamente um acervo enorme de lembranças, apegos e fatos e itinerários coletivos (reais e fantasiados) da vida. Esse estoque de lembranças tem forte carga emocional no relativo à autoestima e ao autoconceito do grupo. Serve, além disto, como critério para a hierarquia interna e a ordem de precedência dentro do próprio segmento dos 'antigos'. O grupo estabelecido sente-se com isto mais seguro e garantido em sua coesão interna e valor. E o outro grupo se sente estranho devido a não ter construído a sua vida e seus sentidos cognitivos com aquela gente, aquele *lócus*, tendo outras referências históricas e culturais que não são comuns ao primeiro grupo (Elias; Scotson, 2000, p. 139).

Ser compreendido como *insider* é ser um aceito como guardião da história do Lugar, sendo, inclusive, uma das qualidades para se dizer como estabelecido, a capacidade de escrever histórias e fazer delas marcas de profundidade social (Augé, 2010). Dado que:

Não vivemos em um espaço neutro e branco; não vivemos, não morremos e não amamos no retângulo de uma folha de papel. Vivemos, morremos e amamos em um espaço enquadrado, recortado, multicor, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus, cavidades, protuberâncias [...] (Foucault, 2009, pp. 23-24).

Diante disso, se entende que esse ponto de reconhecimento das relações, do afeto, do se sentir seguro porque ali (Lugar), todos são conhecidos, constrói o sentimento do sujeito com o Lugar como forma direta de afeto, que Tuan (1980, 1983) denomina como **topofilia** - o qual é intenso, denso e duradouro, como atributos mais fortes e notáveis de sua natureza (vide Figura 02). E, essa capacidade de relacionar e compreender o Outro, como um de nós, de se lembrar das paisagens e dos objetos como marcas de uma história, é que se caracteriza como sentimentos ou experiências **topofílicas**, as quais, aliás, dão ao mundo significados positivos organizados no Lugar e pelo Lugar (Oliveira, 2012). Conseguindo se estabelecer através de:

[...] ações que venham a consolidar a troca de experiências topofílicas, no sentido do prazer de sentir, amar, vivenciar autenticamente um Lugar, guardando imagens de um espaço e de suas paisagens, vividas em seu íntimo e captadas através do olhar e dos sentimentos (Tuan, 1980, p. 183).

Já o sentimento oposto ao reconhecimento (pela vivência e formatação da história do Lugar), vinculado à incapacidade do sujeito em se perceber pelas memórias, e levando à construção de um sentimento de aversão onde está “[...] torna-se o Lugar como um Lugar do medo, da repugnância, engendrando desprezo” (Tuan, 1980, p. 114), onde não se consegue se sentir seguro, incapaz de confiar a dividir/compartilhar feitos é denominado por Tuan (1982, 1983, 2011) como **topofobia** (vide Figura 1).

Sendo assim, fobia é relacionada e acentuada através de novos arranjos que o homem constrói na sociedade e que não são dotadas de durabilidade, autenticidade, pois são polissêmicas, difusas, se desfazendo com facilidade (Alves; Deus, 2014; Bauman, 2008).

Como destacado, na Figura 01, o sentimento de Lugar (intensamente vivenciado por meio de relações positivas), muda de rumo ou sentido devido à experimentação de processos de frustração, invasão ou mistificação, despertado ou se ressignificando, aos poucos, como um sentimento de rejeição (Tuan, 2005).

A grande questão envolvendo os sentimentos de topofobia vincula-se às possíveis consequências da vivência destas emoções que, aliás, são catastróficas e muitas vezes irreversíveis ao ser humano, as paisagens e tudo ao seu redor. Essa relação de perda total foi explicitada pelo geógrafo britânico Porteus (1989), como **topocídio**: a morte do Lugar. E, essa morte deriva de um contínuo processo de degradação, a aniquilação deliberada do Lugar, estendida a ponto de impossibilitar recordações do passado. Essa característica é sinalizada pelo autor acima citado, de acordo com a mais traiçoeira e impactante para o homem, pois o topocídio leva ao desaparecimento definitivo do Lugar, potencializando os sentimentos de ódio e tristeza profunda; ao levar o sujeito à morte, porque remete aos sentimentos topofóbicos experimentados de forma exacerbada (vide Figura 01).

Para Amorim Filho (1999) o conceito de topocídio é, também, extremamente relevante, na atualidade. Segundo esse autor, é “[...] estranha que se tenha demorado tanto para se chegar a ele, pois há muito tempo se causa danos, muitas vezes irreversíveis, aos Lugares, às paisagens, aos espaços vividos e às porções significativas da natureza” (Amorim Filho 1999, p. 144).

Buscando alternativas que possam, mesmo que de modo fragmentado e lento, reconstruir o sentido de Lugar como memória e com atributos afetivos e político, Amorim Filho

(1999) conceitua, por sua vez, a: **topo-reabilitação** como “[...] uma iniciativa de restaurar ou recuperar Lugares, paisagens e conjuntos ambientais, com vistas à melhoria da qualidade de vida dos homens, manutenção da sua memória coletiva ou individual e preservação de sua identidade cultural e seus valores” (Amorim Filho 1999, p. 142).

Como destacado, na Figura 1, para o autor, a única forma de minimizar os vários tipos de topocídio é maximizar, entre todos os indivíduos que compõem a sociedade, elementos que emergem memória, orgulho, paz e segurança. Para tanto é necessário que as forças da topo-reabilitação superem as forças topocídicas, sendo capazes de regatar fatos, reabilitar usos e ocupações que eram coletivos. Sendo assim, se protege e restaura das paisagens e conjuntos ambientais que o povo acha genuinamente necessários e importantes ao apresentar, aos poucos, o sentido de fobia ou morte ao caminho da *filia*. Esses aspectos surgem mesmo que, gradualmente, num processo gestado em tentativas de resgate da confiança e autoestima, tanto de maneira coletiva como individualmente (Amorim Filho, 1999, 2007).

Com a topo-reabilitação a presença do passado se traduz como energia para dar fôlego e ânimo à sobrevivência humana. Ao dar consistência e valorização do meio ambiente, quer na reconstrução de patrimônios individuais, quer na preservação de edifícios, ruas, praças ou bairros inteiros, buscando dar sentido as relações humanas e sentir-se vivo (Amorim Filho, 1999, 2007).

Se o processo de topo-reabilitação não for suficiente para sanar as lacunas dos sentimentos de dor e espaços abertos, ocorre (vide Figura 1), como discorre Augé (2007), o sentido de **não Lugar**. Resultante de um processo de sentir-se vazio, dado que os sentimentos de topofobia mostra-se, nesse contexto, mais efetivos do que os de topofilia, ao levar o Lugar à aniquilação, conseqüentemente, alguns símbolos da vida, como um resquício de presença do eu-no-mundo, como um suspiro na dor. E, se ressalta que, devido à intervenção/interferência no Lugar, se forma no sentir vazio, desamparado e de um eterno luto, capaz de impedir o homem de criar identidade, e sentimento de pertencimento legítimos, chegando ao ponto deste residir em um espaço de anonimato. Dado que:

Os não Lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados ou refugiados do planeta, ou, também, pelos grandes desastres ambientais ou projetos de intervenções sociais que matam o nosso sentido e afeto com o lugar, que nos castigam e nos marca com a dor da saudade de um lar, de um ambiente, de paisagens, de histórias [...] (Augé, 2010, p. 36).

O não Lugar, então, é a situação-limite da falta de identificação do homem com o Espaço que passa a não ser relacional, logo, vazio de identidade. Um Lugar de ninguém, que talvez possa até ser um roteiro de passagem, na qual ninguém está interessado em ficar, pois é um espaço de solidão. Percebe-se que o não Lugar impossibilita construir histórias com alguém, a não ser aquelas vinculadas à dor e não articulam relações afetivas vivenciadas com intensidade, estando presentes ali, apenas o *Homo Solitarius* (Augé, 2007; Mello, 2012).

Para Augé (2007), o usuário do não Lugar é sempre obrigado a provar sua inocência, pois dificilmente alguém quer estar ali. O espaço do “[...] não Lugar, não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão, similitude e julgamentos negativos e até mesmo radicais”. Segundo o autor acima citado: “[...] na realidade concreta do mundo de hoje, a possibilidade do não-Lugar nunca está ausente de qualquer Lugar que seja. E a volta ao Lugar é o recurso de quem frequenta os não Lugares” (Augé, 2007, p. 96, *passim*).

Destarte, o Lugar e o não Lugar opõe-se como as palavras e as noções que permitem descrevê-las, porque o objeto como conceituada firma no Lugar que se consegue conectar, ideias, práticas e subjetividades, inclusive trazendo à tona discussões do público-privado, fechado-aberto, excludente-inclusivo e dando suporte a formulações para novas relações e proposições no campo da Ciência (Johnson, 2013).

Considerações Finais

A Geografia humanística emerge como um ramo da geografia que busca compreender as interações complexas entre os seres humanos e o ambiente, com ênfase particular na dimensão subjetiva da experiência espacial. Neste contexto, o conceito de Lugar desempenha um papel central, servindo como uma lente através da qual os geógrafos exploram as experiências, significados e identidades associados aos espaços vividos pelos seres humanos.

A geografia humanística oferece uma abordagem rica e multifacetada para a compreensão da relação entre os seres humanos e o ambiente. Ao colocar o conceito de Lugar no centro de sua análise, esta abordagem destaca a importância da subjetividade, da cultura e da história na formação dos espaços vividos. Portanto, ao explorar a experiência do Lugar, os geógrafos humanistas contribuem para uma compreensão mais profunda da complexidade e diversidade da condição humana no mundo contemporâneo.

É importante ressaltar que os Lugares não são entidades estáticas, mas sim construções sociais em constante transformação. Através das interações humanas e das práticas cotidianas, os Lugares são constantemente (re)construídos e (re)interpretados.

Em suma, a geografia desempenha um papel fundamental na compreensão da relação entre Lugar – essa categoria desempenha um papel central na formação e compreensão da identidade cultural e na dinâmica social das comunidades humanas. Ao atribuir significados e valores aos Lugares, os indivíduos e grupos constroem narrativas sobre quem são e de onde vêm. Portanto, entender a relação entre Lugar e identidade cultural é essencial para uma compreensão mais profunda da diversidade humana e das dinâmicas sociais.

Agradecimento

Ao professor Dr. José Antônio de Deus (*in memoriam*) - Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais - pela orientação e direcionamentos destas e de outras pesquisas. Gratidão!

Referências

ALVES, Rahyan de Carvalho; DEUS, José Antônio Souza. O não-Lugar e as paisagens do medo: nuances topofóbicas. *In.*: **Revista Geoaraguaia**, v. 04, pp. 70-82, 2014.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. Topofilia, topofobia, topocídio em Minas Gerais. *In.*: DEL'RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia (Orgs.). **Percepção ambiental: A experiência brasileira**. São Carlos (SP): EdUFSCAR, 1999. pp.139-152.

_____, Oswaldo Bueno. A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. *In.*: KOZEL, Salette; SILVA, Josué de Costa; FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia humanística**. São Paulo (SP): Terceira Margem/NEER, 2007. pp.15-35

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas (SP): Papyrus, 1994.

_____, Marc. **Para que vivemos?** Lisboa: 90 Grau, 2007.

_____, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió (AL): EdUFAL, 2010.

- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2008.
- BENJAMIM, Walter. **Magia e Técnica. Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo (SP): Brasiliense, 1985.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 1994.
- BRENELLI, Rosely. Piaget e a afetividade. *In.*: SISTO, Fermino Fernandes; OLIVEIRA, Gislene de Campos; FINI, Lucila Dihel Toaline (Orgs.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000. pp. 105-116.
- BUTTNER, Anne. Social space and the planning of residential areas. *In.*: **Environment and Behavior**, n. 4, pp. 279-318, 1972.
- _____, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. *In.*: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo (SP): DIFEL, 1982. pp. 165-194.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo (SP): Hucitec, 1996.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e Lugar: elos da produção. *In.*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo (SP): Perspectiva, 2012. pp. 249-280.
- CHAVES, Ana Paula Nunes; AQUINO, Júlio Groppa. Rastros de uma heterotopia urbana: o caso do Parque Ibirapuera, SP. *In.*: **Educação Temática Digital**. Campinas (SP) v. 18 n° 4, pp. 802-819, outubro/dezembro, 2016.
- CLAVAL, Paul. A volta do cultural na geografia. *In.*: **Mercator**, ano 1, n. 1, 2002, pp.19-28.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro (RJ): WVA, 2000.
- FERREIRA, Luís Felipe. Acepções recentes do conceito de Lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. *In.*: **Revista Território**, Rio de Janeiro (RJ), ano 5, n 9, pp. 65- 83, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Le corps utopique**, les hétérotopies. Fécamp (Fr.): Lignes, 2009.
- _____, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001b.
- GASPAR, Jorge. O retorno da paisagem à geografia: apontamentos místicos. *In.*: **Finisterra**, XXXVI, n. 72, pp.83-99, 2001.
- HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista**: sua trajetória de 1950 a 1990. Rio de Janeiro. 298 f. Dissertação (Mestrado) Departamento de pós-graduação em Geografia da UFRJ. Rio de Janeiro (RJ), 1992.
- _____, Werther. A Geografia Humanista: uma revisão. *In.*: **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro (RJ). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, n.3, pp. 8-19, 1996.

HOLZER, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. *In.*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. pp. 149-168.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. A gestão dos museus e do patrimônio cultural. *In.*: **Ciências e Letras** (Porto Alegre). v.31, pp.33 - 52, 2013.

JOHNSON, Peter. The Geographies of Heterotopia. *In.*: **Geography Compass**, 7/11, pp. 790-803, 2013.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas. *In.*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro (RJ): EdUERJ, 2004. pp.157-179.

MARANDOLA JR. Eduardo. Lugar e Lugaridade. *In.*: **Mercator**, Fortaleza, v.19, pp.1- 12, e19008, 2020.

_____, JR., Eduardo. Sobre Ontologias. *In.*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther & OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo (SP): Perspectiva, 2012. pp. XV-XVII.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A Geografia humanista: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *In.*: **Revista Brasileira de Geografia**, 52(4), pp. 91-115, 1990.

_____, João Baptista Ferreira de. O Triunfo do Lugar sobre o espaço. *In.*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo (SP): Perspectiva, 2012. pp. 33-68.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro (RJ): Livraria Freitas Bastos, 1971.

_____, Maurice. **A estrutura do comportamento**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1999.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do Lugar**. São Paulo (SP): Cosac Naify, 2006.

NORA, Pierre. **Les Lieux de mémoire**. I La Republique. Paris: Gallimard, 1984.

OLIVEIRA, Livia de. O Sentido de Lugar. *In.*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo (SP): Perspectiva, 2012. pp. 03-16.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 1975.

_____, Jean. **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

PORTEOUS, Douglas. **Planned to Death: The annihilation of a place called Howdendyke**. Toronto: University of Toronto Press, 1989.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. *In.*: **Geografia**, Rio Claro (SP), v. 04, n. 07, pp. 01-25, 1979.

_____, Edward. **Modernity and the reclamation of place**. Albany: State University of New York, 1993.

_____, Edward. Sense of Place, *In.*: Hanson. **Ten Geoprahic ideas that changed the world**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997.

_____, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de Lugar. *In.*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo (SP): Perspectiva, 2012. pp. 17-32.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª Edição. 2ª reimpressão. São Paul (SP): EdUSP, 2006.

SISTO, Fermino Fernandes. O raciocínio do adolescente - As operações formais ou aquisição do raciocínio experimental. *In.*: SISTO, Fermino Fernandes; OLIVEIRA, Gislene de (Orgs.). **Leituras de psicologia para formação de professores**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000. pp. 71-104.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Lívia de Oliveira. Rio de Janeiro (RJ): Difel, 1980.

_____, Yi-Fu. A Geografia humanística. *In.*: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lívia de Oliveira. Rio de Janeiro (RJ): Difel, 1983.

_____, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo (SP): EdUNESP, 2005. pp. 231-275.

_____, Yi-Fu. Espaço, tempo, Lugar: um arcabouço humanista. Tradução de Werther Holzer. *In.*: **Geograficidade** v.01, n° .01, inverno, 2011. pp. 08-19.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2013.

WADSWORTH, Barry. **Inteligência e afetividade da criança**. 4ª edição. São Paulo (SP): Enio Matheus Guazzelli, 1997.

ZIMERMAN, David. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre (RS): Artmed, 2001.

Recebido em: 16/05/2024.
Aprovado para publicação em: 24/11/2024.